



Mero político ou um líder?



Sofia Santos
Economista

A derrota do PSD nestas eleições autarcas era já esperada. A abstenção aproximadamente 47% dos eleitores pode passar ter um novo significado que não a usual indiferença, estando sim associada ao sentimento se traduz num descrédito sobre as capacidades e vontades da classe política. Não creio que numa democracia sólida a abstenção possa ser vista como uma acção provinda da indiferença. Deve ser sim, compreendida como uma demonstração do vazio que existe entre o discurso político e as aspirações da sociedade.

Este desajuste entre os desejos dos eleitores e as acções dos partidos, esteve também patente no crescente peso que os independentes tiveram neste processo. Talvez a democracia portuguesa esteja a começar a ficar adulta e a conseguir criar movimentos cívicos alheios aos interesses privados no mundo público. Talvez assim consigamos vir a ter no poder um dia, políticos que não necessitem da política para viver, mas sim que vivam para uma política verdadeiramente pública e em prol do bem comum.

A vitória do PS pode ser vista de duas formas distintas: uma derrota para Portugal ou uma potencial vitória. Tudo depende da forma como o PS se comportar. Poderá ser uma derrota para Portugal, se esta insatisfação popular conseguir

passar para a esfera operacional política, podendo assim induzir-se que a instabilidade do governo de coligação possa ser grande, originando um aumento do risco do Estado português, dos bancos e da economia como um todo, o que só iria originar mais estrangulamento às empresas e mais desemprego. Poderá ser uma potencial vitória para Portugal se o PS utilizar o poder que demonstrou ter junto de 36% dos eleitores, para decidir apostar no acordo tripartido onde as três principais forças políticas garantem estabilidade nas políticas, em troca de uma renegociação do acordo da 'troika'. Apesar da vitória do PS, José Seguro nada poderia fazer de muito diferente se não alterasse o acordo que temos actualmente com a 'troika' e que foi assinado pelo PS. Também nada poderia fazer se a instabilidade política se mantivesse. E isso ele já compreendeu. As jogadas políticas colocam, na maioria das vezes, os egos dos pivots à frente do desfecho que mais favorecia o País. É aí está a diferença entre um mero político e um líder: um político limita-se a fazer política; um líder leva o país para um outro estádio conseguindo ter empatia pelo mais desfavorecidos, resiliência pelas suas crenças e assertividade nas opiniões e decisões. Um líder não tem medo de apresentar uma solução diferente e de procurar consensos. E o povo reconhece os líderes.

Em prol do bem da nação era bom que o PS conseguisse ter a elasticidade mental suficiente para não se limitar a puxar a vitória a si, mas que também consiga promover consensos que assegurem uma estabilidade política urgente a Portugal e, com ela, alargar quer o prazo de pagamento do empréstimo à 'troika', quer os limites do 'déficit' acordados. ■